

Efeito quase de varinha mágica: o uso da terapia assistida por animais em pediatria

Quasi-magic wand effect: the use of animal-assisted therapy in pediatrics

Efecto cuasi-varita mágica: el uso de la terapia asistida por animales en pediatría

Bruna Maria Schmitz¹  <https://orcid.org/0000-0001-5078-0015>

Lidiane Ferreira Schultz¹  <https://orcid.org/0000-0001-5146-7442>

Jânifer Souza Mendes¹  <https://orcid.org/0000-0002-5990-7884>

Luana Cláudia dos Passos Aires²  <https://orcid.org/0000-0003-3043-2018>

Resumo

Objetivo: Identificar o conhecimento dos Enfermeiros sobre o uso da Terapia Assistida por Animais em Pediatria.

Métodos: Pesquisa exploratória descritiva de abordagem qualitativa, realizada entre junho e julho de 2019, com 148 Enfermeiros sócios da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras. Os dados foram coletados por meio eletrônico e a análise temática foi realizada.

Resultados: Os Enfermeiros conhecem a Terapia Assistida por Animais e a consideram importante para humanizar o processo de internação pediátrica. Relataram as evidências científicas quanto aos resultados positivos nas mudanças fisiológicas e comportamentais apresentadas pelas crianças e adolescentes, um efeito “quase de varinha mágica” após a realização dessa tecnologia leve de assistência, apontada como uma forma lúdica de abordagem, assim como o Brinquedo Terapêutico.

Conclusão: Os Enfermeiros reconhecem a importância da Terapia Assistida por Animais, como uma ferramenta de humanização na recuperação das crianças e adolescentes hospitalizados e que poderia auxiliar em relação a melhora clínica e psicológica.

Abstract

Objective: to identify nurses' knowledge about animal-assisted therapy in pediatrics.

Methods: descriptive exploratory research with a qualitative approach, conducted between June and July 2019 with 148 nurses members of the Brazilian Society of Pediatric Nurses. Data was electronically collected, and thematic analysis was performed.

Results: Nurses knew about animal-assisted therapy and considered it important for humanizing the process of pediatric hospitalization. They described scientific evidence supporting the positive results of children's and adolescents' physiological and behavioural changes. A “quasi-magic wand effect” was reported after using this simple assistance technology. Such technology was cited as a ludic approach, similar to therapeutic play.

Conclusion: Nurses recognized the importance of animal-assisted therapy as a tool of humanization during the recovery of hospitalized children and adolescents, which could assist in their clinical and psychological improvement.

Resumen

Objetivo: Identificar el conocimiento de los enfermeros sobre el uso de la terapia asistida por animales en pediatría.

Métodos: Investigación exploratoria descriptiva con enfoque cualitativo, realizada entre junio y julio de 2019, con 148 enfermeros miembros de la Sociedad Brasileira de enfermeros de pediatría. Los datos fueron recolectados por medio electrónico y se realizó un análisis temático.

Resultados: Los enfermeros conocen la terapia asistida por animales y la consideran importante para humanizar el proceso de hospitalización pediátrica. Las evidencias científicas relataron cuanto a los resultados positivos en los cambios fisiológicos y comportamentales presentadas por los niños y adolescentes, efecto “casi de varita mágica” después de la realización de esa tecnología leve de asistencia, apuntada como una forma lúdica de abordaje, así como el juguete terapéutico.

Conclusión: Los enfermeros reconocen la importancia de la terapia asistida por animales, como una herramienta de humanización en la recuperación de los niños y adolescentes hospitalizados y que podría ayudar a la mejoría clínica y psicológica.

Descritores

Terapia assistida com animais; Enfermagem pediátrica; Profissionais de enfermagem pediátrica; Hospitalização, Enfermagem

Keywords

Animal assisted therapy; Pediatric nursing; Pediatric nurse practitioners; Hospitalization; Nursing

Descriptores

Terapia asistida por animales; Enfermería pediátrica; Profesionales de enfermería pediátrica; Hospitalización; Enfermería

Como citar:

Schmitz BM, Schultz LF, Mendes JS, Aires LC. Efeito quase de varinha mágica: o uso da terapia assistida por animais em pediatria. Rev Soc Bras Enferm Ped. 2022;22:eSOBEP2022013.

¹Faculdade IELUSC, Joinville, SC, Brasil.

²Instituto Federal de Santa Catarina, Joinville, SC, Brasil.

Conflitos de interesse: nada a declarar.

Submetido: 8 de Agosto de 2022 | **Aceito:** 21 de Dezembro de 2022

Autor correspondente: Lidiane Ferreira Schultz | E-mail: lidiane.schultz@ielusc.br

DOI: 10.31508/1676-379320220013

Introdução

O uso da Terapia Assistida por Animais (TAA) como forma de tratamento iniciou em 1792, na Inglaterra, contribuindo com pessoas em tratamento para saúde mental.^(1,2) Na enfermagem, existem relatos de que Florence Nightingale, em 1860, observou grande evolução no quadro clínico dos pacientes quando acompanhados ou em contato com os animais.⁽¹⁾ Em 1960, Boris Levinson, psicólogo, percebeu que as crianças apresentavam-se menos ansiosas ou resistentes às sessões de terapia quando seu cachorro estava presente.⁽²⁾

A TAA nos hospitais consiste em visitas, cujos animais são integrantes do processo de tratamento para melhorar as funções físicas, comportamentais, sociais, mentais, educacionais e de bem-estar com os pacientes e equipe envolvida.^(3,4) Uma revisão sistemática colabora com tais benefícios da TAA.⁽³⁾

A TAA pode ser realizada individualmente nos quartos ou em grupos ampliando, assim, a socialização entre as crianças e aproximando-se de um ambiente familiar e agradável. A presença de enfermeiros no momento da terapia contribui para melhoria de vínculos entre as crianças e a equipe. Dessa forma, elas percebem que os profissionais também participam de momentos de descontração, podendo contribuir, posteriormente, para a realização dos procedimentos e nas consultas de enfermagem.⁽¹⁾

Sendo mais utilizada a Terapia Assistida com Cães (TAC), devido à facilidade de adestramento e por sua afeição e interação com pessoas.⁽⁴⁾ Esses animais passam por um processo criterioso de seleção, avaliação e acompanhamento por profissionais especializados.⁽⁵⁻⁷⁾

Na literatura, ainda encontramos divergências nos termos (Terapia Assistida por Animais; *pet therapy*; *animal-facilitated therapy*; *animal-assisted therapy*; *animal-assisted activities*; *animal-assisted interactions*), sendo uma limitação para localização das pesquisas.^(4,5)

Limitados são os estudos nacionais sobre a temática. Dentre 43 artigos analisados, em uma revisão sistemática, apenas sete foram realizados no Brasil.⁽⁴⁾ Os resultados apontam para efeitos positivos da terapia no tratamento das pessoas em processo de adoecimento durante a internação hospitalar.^(1,8) O País conta com um Projeto de Lei nº 4455/2012 para a utilização da TAA como uma intervenção em saúde em hospitais públicos.⁽⁹⁾

Em relação aos animais utilizados nesse tipo de terapia, são encontrados estudos com cão, cavalo, elefante, gato, inseto (grilo), peixe (aquário).⁽⁴⁾ Quanto aos temas estudados juntamente a TAA destacam-se: Transtorno do Espectro Autista, Paralisia Cerebral, transtornos da comunicação, procedimentos cirúrgicos, câncer, dor, síndrome de Down e obesidade.⁽⁴⁾ É importante destacar que desses estudos, menos de dez são da Enfermagem, apontando um vasto campo a ser investigado pela profissão na Enfermagem Pediátrica.⁽⁴⁾

Os principais fatores descritos para não adesão ou utilização dessa terapia nos contextos hospitalares, em especial os pediátricos, são a resistência dos profissionais de saúde em aderir-lá. Para alguns profissionais, os animais são utilizados apenas como meio de distração para as crianças, desconhecendo sua importância e os efeitos fisiológicos e terapêuticos.⁽¹⁾

Diante do exposto, este estudo questionou: o que os Enfermeiros que atuam em Pediatria sabem sobre o uso da Terapia Assistida por Animais no tratamento de crianças e adolescentes hospitalizadas? Sendo assim, o estudo teve como objetivo identificar o conhecimento dos Enfermeiros sobre o uso da Terapia Assistida por Animais em Pediatria.

Métodos

Pesquisa exploratória descritiva de abordagem qualitativa, realizada de junho a julho de 2019. Nesta pesquisa, foram utilizadas as diretrizes de Critérios Consolidados para Pesquisa Qualitativa – COREQ.⁽¹⁰⁾ A amostra se deu por conveniência, incluindo enfermeiros pediatras, atuantes em cenários pediátricos, cadastrados no banco de dados da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras, o que facilitou o acesso aos mesmos.

Como critério de inclusão definiu-se: enfermeiro associado da Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras (SOBEP). A associação dispõe de um cadastro desses enfermeiros para a realização de pesquisas na área, sendo que os seus sócios autorizam ou não o fornecimento de seus contatos para os pesquisadores. Sendo assim, foram excluídos os enfermeiros associados que não autorizaram a divulgação do seu contato.

A coleta dos dados foi realizada através de um formulário on-line elaborado na plataforma google®

com perguntas abertas e fechadas e enviado para os enfermeiros associados. Quanto as perguntas abertas foram elaboradas para possibilitar aos Enfermeiros participantes relatar suas opiniões e experiências com a temática TAA, contemplando: 1) Conhecimento/entendimento dos profissionais acerca da TAA; 2) Percepções dos profissionais sobre a TAA; 3) Reflexões sobre o comportamento das crianças e adolescentes após a visita do cão; 4) Considerações sobre a influência da TAA na recuperação das crianças e adolescentes; 5) Possíveis facilidades e dificuldades em adotar a terapia.

Os participantes deste estudo obtiveram acesso ao instrumento da coleta de dados após a leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) na íntegra e concordância com o mesmo, a partir da anuência/aceite digital. Foram enviados, de acordo com a listagem de e-mails disponibilizada pela SOBEP, 1.769 e-mails aos convidados e possíveis participantes do estudo. Trinta e dois e-mails retornaram por não estarem mais ativos, sendo perdas. Não foram registradas recusas no preenchimento do formulário. O questionário ficou disponível na plataforma por 33 dias, finalizado com um total de 148 Enfermeiros que participaram do estudo (8%).

As respostas foram organizadas em uma planilha do *google®* contendo a compilação dos dados como sexo, idade, tempo de formação, maior titulação, especializações, tempo de atuação em pediatria e tipo de atuação (assistência, chefia, docência, pesquisa, gestor) e os dados sobre o conhecimento, percepções e reflexões sobre a TAA.

Todas as respostas foram analisadas e o número de participantes foi considerado suficiente para a compreensão da pergunta de estudo.

Os dados obtidos foram analisados através da análise temática de Minayo, seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.⁽¹¹⁾ A análise dos dados foi baseada no interesse teórico do pesquisador e iniciada a partir de temas identificados anteriormente no formulário de coleta de dados.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob parecer nº 4.097.691 em 19 de junho de 2020 e respeitou a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.⁽¹²⁾ Cada participante recebeu uma identificação numérica em ordem crescente, garantindo sua privacidade e sigilo.

Resultados

Participaram deste estudo 148 enfermeiros. Apresentamos sua caracterização na tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos enfermeiros sócios da SOBEP segundo sexo, idade, tempo de formação e maior titularidade

Variáveis	n(%)
Sexo	
Feminino	140(94,6)
Masculino	8(5,4)
Idade (anos)	
23-37	56(37,8)
38-52	66(44,6)
53-68	26(17,6)
Tempo de Formação (anos)	
>11	102(68,9)
6-10	35(23,6)
1-5	10(6,8)
<1	1(0,7)
Maior Titulação	
Pós-Doutorado	11(7,4)
Doutorado	49(33,1)
Mestrado	58(39,2)
Especialização	28(18,9)
Graduação	2(1,4)

Referente às especializações realizadas pelos participantes, destacam-se: enfermagem pediátrica e neonatal e terapia intensiva. O tempo de atuação dos profissionais na pediatria variou, sendo que a maior prevalência são de profissionais com mais de 11 anos de formação (59,5%), destes 78,4% trabalham diretamente na assistência à saúde. Quando questionados sobre seu conhecimento referente a TAA, 77% afirmaram conhecer. Dentre as situações que os enfermeiros obtiveram contato com a TAA, 60,5% conheceram através de eventos científicos, 44,7% no local de trabalho, 22,8% nos cursos de pós-graduação e 18,4% durante a formação acadêmica na graduação. Dos participantes deste estudo 57% afirmaram já ter presenciado alguma visita da TAA para crianças e adolescentes. Em relação à frequência em que vivenciaram a TAA, 54,3% revelaram terem presenciado um número menor que cinco vezes, 21,4% dos profissionais responderam ter presenciado de cinco a dez visitas e 24,3% mais de dez vezes. Os resultados são apresentados nas categorias: Conhecimento e Percepções dos Enfermeiros acerca da TAA; Efeito quase de varinha mágica: as mudanças no comportamento e na clínica das crianças e adoles-

cente após TAA; Facilidades e dificuldades em adotar a TAA.

Conhecimento e Percepções dos Enfermeiros acerca da TAA

A maioria dos profissionais referiram conhecer a TAA e destacaram a sua eficácia científica, e importância para auxiliar no processo de internação da criança, estimulação, expressão de sentimentos da criança, enfrentamento da hospitalização além de promover vínculo com a equipe.

É um tipo de terapia que utiliza animais para diversas finalidades, como enfrentamento de hospitalizações, estimulação e para auxiliar em algum tratamento, sendo uma ferramenta terapêutica para paciente, além de promotor de vínculo com o profissional que a cuida (Participante 10).

A TAA é uma técnica comprovada cientificamente que utiliza animais como apoio terapêutico aos pacientes. Através desse tipo de contato entre humano e animal é possível perceber a forma com que a criança expressa suas emoções e sentimentos. Além de modificar o cenário de internação e o cotidiano do tratamento de forma positiva, principalmente em situações de internação prolongada (Participante 45).

Além de demonstrarem conhecimento sobre a TAA, os profissionais percebem aspectos positivos em seu uso, como melhora do ambiente hospitalar tanto para a criança e seus familiares como para os profissionais de saúde. Outros benefícios foram descritos como melhora da autoestima, liberação de hormônios como endorfinas e redução dos níveis de cortisol e estresse.

O ambiente fica leve, descontraído e reduz a ansiedade dos pacientes, familiares e profissionais de saúde (Participante 3).

[...] torna o ambiente mais alegre, as crianças se relacionam, aproximam-se e comunicam-se durante a TAA (Participante 39).

[...] pode reduzir os níveis de cortisol das crianças e melhorar sua imunidade (Participante 5).

[...] contribui para o aumento da autoestima e níveis plasmáticos de endorfinas, além de diminuir níveis

plasmáticos de cortisol, hormônio causador de estresse (Participante 17).

É importante destacar que nenhum dos participantes relatou ter vivenciado alguma experiência negativa com a TAA. O uso dessa tecnologia leve de cuidado foi apontado como uma forma lúdica de abordar as crianças. Comparada com a técnica utilizada no Brinquedo Terapêutico (BT), no entanto ainda pouco difundida e utilizada quando comparada ao BT.

A TAA é uma metodologia utilizada na abordagem da criança doente ou em reabilitação, utilizando animais, através disso pode-se observar comportamento, postura, desenvolvimento corporal de linguagem além de proporcionar um ambiente lúdico à criança e família (Participante 8).

Penso que é uma intervenção extremamente válida. Tenho experiência com a técnica de Brinquedo Terapêutico que já modifica muito positivamente o comportamento da criança hospitalizada. A TAA seria tão benéfica quanto, porém ainda é pouco conhecida e difundida, o que faz com que muitos profissionais não vejam com bons olhos os animais em um ambiente de internação. É preciso desmitificar essa questão (Participante 46).

Efeito quase de varinha mágica: as mudanças no comportamento e na clínica das crianças e adolescente após TAA

Os Enfermeiros relataram que após a visita do cão, as crianças apresentaram melhora no humor, apresentando-se mais alegres e dispostas, reduzindo o estresse da internação para o paciente e seus familiares. Destacam para uma facilitação na adesão do tratamento e até melhora de parâmetros clínicos como sinais vitais e resultados de exames, redução da sensação dolorosa, além de influenciar positivamente no sono, alimentação e imunidade.

[...] a mudança é imediata: melhora do humor, maior relaxamento, menor resistência em relação ao processo de hospitalização como um todo. É um efeito quase de varinha mágica, a mudança é visível logo na primeira visita (Participante 59).

Observei muitos resultados positivos nos pacientes que tenho contato e fazem terapia com animais (Participante 20).

Muitas mudanças, como melhor disposição ao tratamento, melhoria de resultados de exames laboratoriais (Participante 12).

Sempre após as visitas as crianças/adolescentes relatavam terem gostado e apresentavam melhor humor. Para os que não tinham pleno estado de consciência, havia o relato dos profissionais de melhoria nos parâmetros clínicos, como frequências cardíaca e respiratória (Participante 21).

Relaxamento, redução da dor, sorrisos e alegria, maior comunicação entre as crianças, aproximação e melhora do vínculo com o profissional da saúde (Participante 39).

Alegria, melhora do apetite, melhora do sono, melhor tolerância a dor, aceitação do tratamento (Participante 54).

[...] os animais renovam as energias das crianças e alivia os corações dos pais. Ocorre uma melhora clínica (Participante 43).

Facilidades e dificuldades em adotar a TAA

Dentre as facilidades apontadas destacam ser uma tecnologia leve, que não exige grandes recursos financeiros da instituição, trazendo como principal característica a humanização da assistência.

Custo-benefício relativamente baixo; a maioria das pessoas gostam de animais; serviço de psicologia pode dar suporte; estudos clínicos que demonstram eficácia (Participante 13).

Com relação as facilidades, penso que esteja nessa nova geração de enfermeiros e enfermeiras que têm a mente mais aberta e interesse pelo novo. Muitas Universidades, atualmente (pelo menos na minha se falou bastante), já incluíram a discussão da humanização do cuidado na formação, então, arrisco dizer que é um conceito já consolidado na nova geração ou, pelo menos, deveria ser. E TAA é uma forma de humanização (Participante 44).

Dentre as principais dificuldades apresentadas pelos profissionais para adesão da TAA, as que mais predominaram nas respostas foi a falta de conhecimento dos profissionais e gestores do hospital a respeito da terapia, resistência da Central de Controle de

Infecções Hospitalares (CCIH) em permitir entrada dos animais, resistência ao desconhecido e às mudanças da rotina, falta de animais treinados e capacitados, e medo/receio de algumas crianças que não são adaptadas com animais.

[...] ainda há resistência das instituições de saúde, pelo imaginário dos profissionais estar impregnado da representação do cão como fonte de infecção. Pode haver também medo/receio da perda do controle do animal e gerar danos nos pacientes (Participante 27).

A maior dificuldade é instituir o protocolo para a TAA junto à direção do hospital e CCIH (Participante 9).

Acredito que a maior dificuldade seja a falta de informação dos profissionais, muitos veem o animal como incompatível com o ambiente hospitalar (Participante 44).

O conhecimento científico contribui para romper as barreiras das resistências na implementação da TAA nos serviços, que a partir das evidências científicas vão transformando a realidade desse cuidado nas instituições.

Com conhecimento e evidências científicas comprovadas tudo fica mais fácil de ser implantado dentro de uma unidade hospitalar (Participante 14).

Como ela já está disponível e há relatos sobre seus benefícios, fica mais fácil de preparar um bom protocolo de implantação, com fundamentação de evidências científicas e convencer as instituições sobre sua adoção (Participante 82).

Discussão

Os participantes deste estudo apresentaram conhecimento sobre a TAA, e como seus benefícios apontaram principalmente: o alívio da dor, melhora do humor, sentimentos de satisfação e alegria, diminuição do estresse, preventiva para doenças psicológicas, melhora nos parâmetros clínicos e sinais vitais, criação de vínculo com a equipe que facilita a adaptação da criança e família no ambiente hospitalar, aceitação do tratamento e procedimentos invasivos e enfrentamento do processo de internação (e reduzindo o tempo). Tais achados vão ao encontro da literatura científica disponível sobre a temática.^(1,3,4,8,13)

A Política Nacional de Humanização “Humaniza SUS”, dentre diversas premissas para a humanização preconiza cuidados com ambiência, favorecendo com que o ambiente de cuidado seja acolhedor.⁽¹⁴⁾ Em consonância com a Política a TAA constitui uma estratégia de humanização da assistência no contexto hospitalar, além de ser considerada um método não farmacológico e lúdico para alívio da dor e uma possibilidade de garantia do direito da criança ter o lúdico, o brincar e as brincadeiras incluídas no seu tratamento durante a internação.⁽⁸⁾

Apesar das percepções positivas relatadas pelos participantes sobre a TAA, para alguns a terapia ainda não faz parte da realidade de muitas instituições do Brasil, e quando é realizada não se faz de maneira sistematizada. Outro fator relacionado é o desconhecimento por parte da equipe e dos gestores sobre este método. Como fator facilitador, os participantes apontam para a importância da publicação de evidências científicas sobre o tema juntamente a boa aceitação dos pacientes com a TAA nas instituições hospitalares.^(4,8)

Uma revisão de literatura sobre a temática apontou que dentre as razões da TAA não ser amplamente utilizada é a insegurança por partes das unidades pediátricas ao associar os animais como possível fonte de infecção, sendo também um dos fatores apontados pelos profissionais como uma das dificuldades em adotar a terapia.⁽⁶⁾

O receio de que os animais possam ser agressivos, principalmente com o público pediátrico torna um limitador da aplicabilidade TAA segundo este estudo. Em contrapartida, uma pesquisa realizada para avaliar o comportamento de cães no momento da terapia, evidenciou que o contato com as pessoas não causou estresse nos animais e que nenhum deles apresentou agressividade ou medo.⁽⁷⁾ Os animais utilizados nesse tipo de programa passam por avaliação comportamental antes das vistas, além de consulta com veterinários para garantir que não ocorrerá transmissão de zoonoses, sendo necessário também estar com todas as vacinas em dia e devidamente higienizados.^(5-7,15)

O vínculo afetivo humano animal vem sido muito estudado ao longo dos anos e o reconhecimento dos efeitos benéficos dessa relação é uma das razões pelas quais as diversas terapias com animais são incluídas em instituições de tratamento, ocasionando resultados positivos principalmente as que envolvem cães.⁽¹⁶⁻¹⁸⁾

A TAA é uma intervenção inovadora que acarreta em muitos benefícios físicos e mentais para as crianças, adolescentes e seus acompanhantes⁽⁸⁾ e pode também favorecer a equipe assistencial, diminuindo o estresse hospitalar.⁽¹²⁾ Os profissionais da enfermagem necessitam de uma maior aproximação e aprofundamento frente a temática, sendo uma grande área a ser explorada na enfermagem.⁽⁸⁾

O enfermeiro tem um papel importante na condução da equipe multiprofissional a partir da capacitação quanto aos benefícios que a interação com os animais traz cuidado à criança e ao adolescente.⁽⁸⁾ Contudo, faz-se necessária a sensibilização dos gestores, viabilização de projetos dessa temática, a partir de evidências científicas concomitantemente com a implementação de programas e a política da humanização voltada aos melhores interesses das crianças.

Como ponto forte neste estudo, destaca-se a realização com enfermeiras de todo território nacional podendo, assim, descrever com maior amplitude o conhecimento e a prática sobre TAA. Como limitação do estudo aponta-se a não identificação dos cenários de saúde nos quais os enfermeiros vivenciaram as visitas da TAA com as crianças e adolescentes, assim como, não foram elencadas as regiões brasileiras o que impossibilitou a identificação do panorama da implementação da TAA no país.

Conclusão

Os resultados deste estudo evidenciaram que os enfermeiros participantes possuem, em sua maioria, conhecimento sobre a TAA e identificam suas contribuições no processo de recuperação das crianças e adolescentes. Além disso, foi possível conhecer as dificuldades para a sua implementação, as facilidades na aplicação e as mudanças vivenciadas na prática da TAA em unidades pediátricas. O uso dessa tecnologia leve de cuidado foi apontado como uma ferramenta de humanização na recuperação das crianças e adolescentes hospitalizados, que proporciona ainda melhora clínica e psicológica dos pacientes pediátricos. Uma forma lúdica de abordar as crianças, sendo uma possibilidade de atuação em Enfermagem Pediátrica. Compete ao enfermeiro a promoção de um espaço facilitador para a aplicabilidade da TAA, devendo sempre orientar aos pacientes e

familiares e inclusive a equipe sobre a importância da terapia, objetivos, e incorporando à prescrição de Enfermagem. Faz-se necessária a ampliação de estudos nacionais sobre a temática além da prática que deve ser estimulada com finalidade de proporcionar as crianças e adolescentes um ambiente humanizado que permita inserir dentro de instituições hospitalares o contato com os animais. Sugere-se a replicação dessa investigação com as demais categorias profissionais da assistência hospitalar, em busca de identificar suas percepções sobre o uso da TAA e propor estratégias para a sua aplicabilidade pela equipe multiprofissional, sendo estas as limitações do presente estudo.

Contribuições

Schmitz BM, Schultz LF, Mendes JS e Aires LCP declaram que contribuíram com a concepção do estudo, coleta, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual e aprovação da versão final a ser publicada.

Referências

- Moreira RL, Gubert FA, Sabino LMM, Benevides JL, Tomé MABG, Martins MC, et al. Assisted therapy with dogs in pediatric oncology: relatives' and nurses' perceptions. *Rev Bras Enferm*. 2016;69(6):1122-8.
- Figueiredo MO, Alegretti, AL, Magalhães L. Terapia ocupacional assistida por cães: uma revisão de escopo da literatura brasileira. *Cad Bras Ter Ocup*. 2021;29:e2087.
- Kamioka H, Okada S, Tsutani K, Park H, Okuizumi H, Handa S, et al. Effectiveness of animal-assisted therapy: A systematic review of randomized controlled trials. *Complement Ther Med*. 2014;22(2):371-90.
- Mandrá PP, Moretti TC, Avezum LA, Kuroishi RC. Terapia assistida por animais: revisão sistemática da literatura. *CoDAS*. 2019;31(3):e20180243.
- Crippa A, Feijó AG. Atividade assistida por animais como alternativa complementar ao tratamento de pacientes: a busca por evidências científicas. *Rev Latinoam Bioet*. 2014;14(1):14-25.
- Goddard AT, Gilmer MJ. The Role and Impact of Animals with Pediatric Patients. *Pediatr Nurs*. 2015;41(2):65-71.
- Yamamoto KC, Silva EY, Costa KN, Souza MS, Silva ML, Albuquerque VB, et al. Avaliação fisiológica e comportamental de cães utilizados em Terapia Assistida por Animais (TAA). 2012. *Arq Bras Med Vet Zootec*. 2012;64(3):568-76.
- Küster AS. Intervenção assistida por animais e suas repercussões no cuidado à criança e ao adolescente hospitalizado [trabalho de conclusão de curso]. Florianópolis: Santa Catarina; 2021.
- Câmara dos Deputados. Projeto de Lei No. 4.455, de 19 de setembro de 2012. Dispõe sobre o uso da Terapia Assistida por Animais (TAA) nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados no Sistema Único de Saúde - SUS [Internet]. 2012 [citado 2022 Nov 30]. Available from: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=556084>
- Souza VR, Marziale MH, Silva GT, Nascimento PL. Tradução e validação para a língua portuguesa e avaliação do guia COREQ. *Acta Paul Enferm*. 2021;34:eAPE02631.
- Minayo MC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 13a ed. São Paulo: Hucitec; 2013. 406 p.
- Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução No 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2012 [citado 2022 Nov 30]. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html.
- Silveira IR, Santos NC, Linhares DR. Protocolo do Programa de Assistência Auxiliada por Animais no Hospital Universitário. *Rev Esc Enferm USP*. 2011;45(1):283-8.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS – Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2004 [citado 2022 Nov 30]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf.
- Vaccari AM, Almeida FA. A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. *Einstein*. 2007;5(2):111-6.
- Silva NB, Osório FL. Impact of an animal-assisted therapy programme on physiological and psychosocial variables of paediatric oncology patients. *PLoS One*. 2018;13(4):e0194731.
- Beetz A, Uvnäs-Moberg K, Julius H, Kotrschal K. Psychosocial and Psychophysiological Effects of Human-Animal Interactions: The Possible Role of Oxytocin. *Front Psychol*. 2012;3:234.
- Elmaci DT, Cevizci S. Settings Open Access Article Dog-Assisted Therapies and Activities in Rehabilitation of Children with Cerebral Palsy and Physical and Mental Disabilities. *Int J Environ Res Public Health*. 2015;12(5):5046-60.